

Para economistas, novo plano muda ânimos

Vidal Cavalcanti/AE—11/6/90

Divulgado, o programa do governo já provocou, pelo menos, um resultado: a quebra do pessimismo, dizem especialistas

GLEISE DE CASTRO



Com o discurso de posse, em 30 de dezembro, seguido da divulgação em detalhes do Plano Had-dad, no dia seguinte, o presidente Itamar Franco despertou, na opinião de economistas, a esperança que se imaginava perdida de que o País tem uma chance de sair da crise econômica em que se afunda por mais de uma década. Conseguiu desmontar a imagem de político retrógrado e populista que vinha se cristalizando a seu respeito durante os três meses de interinidade na Presidência, e conquistou a confiança de economistas quanto à sua capacidade de apreensão dos problemas do País e de condu-

zir a economia com competência.

"Itamar percebeu que não dá para ficar brincando, porque a situação é muito grave", diz Sideval Aroni, presidente do Sindicato dos Economistas do Estado de São Paulo. Não é tarefa fácil, nota o economista, desatar o emaranhado de nós de uma economia que convive com uma inflação na casa dos 20% a 25% ao mês, um nível de desemprego que só na Grande São Paulo chegou a 1,2 milhão de pessoas em outubro, queda de investimentos e um desalento generalizado que vai do empresariado ao cidadão comum. "Encontrar o caminho do crescimento numa situação dessas não se dá num passo de mágica, mas, como propõe corretamente o programa de Itamar, é possível reordenar a economia gradualmente com medidas clássicas, desde que se consiga

resgatar a credibilidade do Estado."

Para o ex-ministro da Fazenda e Planejamento, deputado Delfim Netto (PDS-SP), o importante no discurso de posse de Itamar é que ele conseguiu desmontar a expectativa muito pessimista com que o País vinha convivendo. "Ele transmitiu uma enorme tranquilidade ao demonstrar que não vai adotar idéias extravagantes e que resolverá os problemas econômicos pelos caminhos corretos", avalia Delfim. A seu ver, Itamar foi "bastante razoável" especialmente ao tratar da questão dos juros. "Ele mostrou que não quer juros negativos nem artificialmente controlados, como muitos temiam", diz.

Na opinião de Delfim, é perfeitamente possível reduzir pela metade os juros reais, hoje na casa dos 20% a 30% ao ano, sem nenhuma consequên-

cia sobre o financiamento da dívida pública. Ou seja, sem afugentar os investidores dos quais o governo precisa para vender os títulos públicos e arrecadar o dinheiro necessário para suas despesas. "O governo acumulou mais US\$ 12 bilhões em reservas cambiais, que chegam hoje a um total de US\$ 23 bilhões, sem nenhuma necessidade, só para evitar uma especulaçãozinha", afirma. "O governo não precisava elevar os juros desse jeito."

Para Antonio Corrêa de Lacerda, vice-presidente do Conselho Regional de Economia de São Paulo, se Itamar conseguir resgatar a confiança no governo, poderá até tentar um pacto social. "Com isso, o País pode voltar a crescer com uma certa estabilidade da inflação", prevê Lacerda.

■ Mais informações na página 3



Delfim Netto

"Itamar tranquiliza quando diz que não será extravagante"